

DANIEL HAMELINE

Universidade de Genebra

ANTÓNIO NÓVOA

Universidade de Lisboa

Autobiografia inédita de António Sérgio

Escrita aos 32 anos no Livre d'Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)

Entre 1914 e 1916 António Sérgio esteve em Genève no Instituto Jean-Jacques Rousseau, onde conviveu com um “micro-cosmos” muito influente no movimento internacional de renovação educativa. A circunstância de António Sérgio ter produzido para o Livro do Instituto uma autobiografia considerada exemplar — documento que se transcreve, reproduz em fac-símile e comenta neste artigo — serve de pretexto para uma reflexão sobre o contexto da produção autobiográfica e sobre a produção pedagógica deste intelectual, sublinhando a dimensão social de que a pedagogia sergiana era portadora.

Introdução

António Sérgio manifestou sempre uma grande indiferença pelas abordagens biográficas, não lhes concedendo qualquer importância para a compreensão das obras, que na sua opinião deviam ser analisadas sem jamais fugir para a biografia do autor, ou para divagações literárias sobre a psicologia deste: “o crítico literário pode, suponho eu, ignorar completamente o autor e a sua vida” (Sérgio, 1950: 7).

Em relação a si próprio, várias vezes afirmou detestar ocupar-se de “quaisquer nugas biográficas” (Sérgio, 1957: 26), apesar de os seus textos conterem frequentes alusões à sua infância e juventude, à génese do seu pensamento e ao seu percurso intelectual e político. Mas é verdade que se

trata de referências dispersas, escritas em jeito de “notas de esclarecimento” ou de “explicações necessárias”, que não sistematizam num documento unitário uma leitura autobiográfica.

E, no entanto, António Sérgio também praticou o gesto autobiográfico. Aos 32 anos de idade, instalado em Genève (Suíça), escreveu no *Livre d’Or* do Instituto Jean-Jacques Rousseau um documento autobiográfico do maior interesse, o único deste género que se conhece ao autor dos *Ensaio*¹.

Aliás, veremos que, na qualidade de Presidente da *Amicale* dos professores e alunos do Instituto, António Sérgio desenvolveu esforços vários para que todos os seus colegas se empenhassem nesta tarefa de... (auto) representação através da escrita.

Na 1ª parte deste artigo procuraremos situar a estada pouco conhecida de António Sérgio em Genève (Primavera de 1914 e ano académico 1915-1916) e explicitar o *contexto de produção da autobiografia*, tanto no que diz respeito ao enquadramento institucional como aos aspectos materiais.

Na 2ª parte procederemos à *transcrição integral da autobiografia*, acompanhada de alguns comentários que permitem compreender melhor os contornos da imagem que António Sérgio quis deixar registada em Genève.

Na 3ª parte evocaremos a *produção pedagógica de António Sérgio*, sobretudo no período 1914-1916, e levantaremos algumas hipóteses sobre a importância que a passagem por Genève teve na estruturação das suas ideias pedagógicas e dos seus ideais educativos².

¹ Arq. Campos Matos e o Dr. Jacinto Baptista, a quem queremos agradecer publicamente a colaboração prestada, tiveram a amabilidade de nos indicar a existência na *Casa António Sérgio* de outros materiais de cariz auto-biográfico.

Na verdade, conseguimos detectar no espólio aí conservado quatro documentos (um dos quais em língua espanhola), redigidos provavelmente em 1953-1954, que constituem diferentes versões da notícia referente a António Sérgio, publicada na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

Para sermos mais exactos, estes documentos correspondem, no essencial, às 173 linhas iniciais (até nacionais e estrangeiros) e à Bibliografia da referida notícia.

Trata-se, portanto, de documentos escritos na 3ª pessoa, que não assumem de forma explícita o discurso autobiográfico.

² Genève e o Instituto Jean-Jacques Rousseau foram ponto de passagem quase obrigatório de várias gerações de pedagogos portugueses da 1ª metade do século XX. Para além de António e de Luísa Sérgio, registe-se a presença nesta cidade suíça de Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos, Álvaro Viana de Lemos, Irene Lisboa, Áurea Judite do Amaral, José da Cruz Filipe e Sílvio Lima, entre tantos outros.

1. António Sérgio de Sousa, aluno do Instituto Jean-Jacques Rousseau

O Instituto Jean-Jacques Rousseau

A Escola das Ciências da Educação, fundada em 1912 graças à iniciativa do psicólogo Edouard Claparède, que confiou a direcção ao filósofo Pierre Bovet, tornou-se conhecida sobretudo pela sua designação secundária, que constitui de *per si* um autêntico programa: Instituto Jean-Jacques Rousseau.

A ideia tinha nascido no meio universitário, mas para Claparède era fundamental assegurar não só a cientificidade académica, mas também a liberdade de acção, de atitude e de propaganda. A sua opção irá no sentido de criar uma fundação privada. O Instituto só se ligará à Universidade em 1929.

Desde o início o Instituto pretende assumir a formação dos professores da República de Genève, o que só se verificará a partir de 1921. Entretanto, de Outubro de 1912 a Julho de 1916 estiveram inscritos no Instituto cerca de 100 alunos, dos quais 80 eram estrangeiros. Reagrupamento heterogéneo: nacionalidades e projectos pessoais muito diversos, idades e níveis intelectuais bastante diferenciados. Este micro-cosmos, onde se conjuga a investigação científica e a convivialidade, sente que tem um papel a desempenhar no movimento internacional de renovação educativa: mas, segundo uma fórmula de Pierre Bovet, no Instituto “a cordialidade adquire por vezes ares de competência” (cf. Lavachery, 1935: 19).

É uma fórmula que convém a grande parte dos alunos dos primeiros cursos do Instituto. Mas surge António Sérgio que, com mais alguns outros, parece portador de exigências intelectuais de maior envergadura. Este “aluno” não chega, e não partirá, como “discípulo”. E parece claro que as suas lições essenciais foram aprendidas noutros lugares.

Encontra-se aqui a explicação para um certo distanciamento de António Sérgio em relação à sua estada em Genève e à sua presença no Instituto? De tal modo; que chega mesmo a sugerir que se limitou a acompanhar os estudos de sua mulher, Luísa Sérgio:

— Não sei se lhe disse já que ela anda estudando a educação dos pequeninos para o que se matriculou na Universidade e num Instituto especial. — Carta a Álvaro Pinto, Maio de 1914 (cf. Fernandes, 1972: 33).

— [...] *minha mulher, que está fazendo nas escolas de aqui, sob a minha direcção, os seus estudos regulares, teóricos e práticos, de pedagogia e psicologia.* — Carta a Manuel da Silva Gaio, 17 de Junho de 1916 (cf. “Epistolário da Biblioteca Municipal de Coimbra”, 1970: 339).

E, no entanto, António Sérgio vai ocupar um lugar muito especial na vida e na história do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

M. e Mme De Sousa

Um relatório do director do Instituto, guardado nos Arquivos (A.I.J.J.R., FG 1.10) refere a presença de três portugueses em 1913-1914: o casal De Sousa pertence a este número. Assim, quando António Sérgio de Sousa e sua mulher se inscrevem como estudantes regulares no ano escolar 1915-1916, são mencionados como “antigos” e o seu regresso é saudado (cf. “Chronique de l’Institut”, Out.-Dez. 1915: 28).

Correspondência vária de António Sérgio, dirigida nomeadamente a Álvaro Pinto e a Raul Proença, permite-nos saber que o casal chegou a Genève no princípio do mês de Abril de 1914 tendo aí permanecido até ao Verão, regressando um ano mais tarde, instalando-se na Suíça durante todo o ano académico 1915-1916.

António Sérgio, designado no Instituto por *M. De Sousa*, não é um desconhecido. A sua personalidade impõe-se: a 20 de Novembro de 1915 é eleito Presidente da *Amicale* dos professores e alunos do Instituto. As actas das reuniões da *Amicale* confirmam a imagem que Pierre Bovet (1932: 191) guarda de António Sérgio quando procede ao balanço dos vinte primeiros anos do Instituto: evocando *homens maduros sorrindo com condescendência* às brincadeiras algo frívolas dos “jovens”, Pierre Bovet menciona *um antigo oficial da marinha português*³.

³ É provável que Pierre Bovet pense em António Sérgio quando redige em 1917 o seu *Rapport succinct* (p.7); depois de ter exposto sete casos concretos que lhe parecem representativos da população que frequenta o Instituto, acrescenta: “Há casos que escapam a toda a classificação: beneficiámos da

Data da Autobiografia

António Sérgio de Sousa preenche o espaço que lhe é dedicado no *Livre d'Or* dos alunos, provavelmente entre 20 de Novembro de 1915, data em que é eleito Presidente da *Amicale*, e 22 de Janeiro de 1916. Por um lado, na acta da reunião do dia 20 de Novembro de 1915, “recomenda-se vivamente a todos os alunos, novos e antigos, a inscrição no *Livre d'Or* e a redacção de um curriculum vitæ tão completo quanto possível”. Por outro lado, na acta da reunião do dia 22 de Janeiro de 1916, a autobiografia de António Sérgio já é apresentada como exemplo: “É favor seguir o excelente exemplo do nosso presidente redigindo, na medida do possível, uma autobiografia tão completa quanto possível” (A.I.J.J.R., FG 1.4).

No princípio do seu curriculum vitæ, António Sérgio observa: “Escreverei o que pode ser um documento para o pedagogo. Teria achado este livro muito interessante se os meus predecessores tivessem feito o mesmo.” (A.I.J.J.R., FG 1.1).

A reconstituição do estado em que Sérgio encontrou o *Livre d'Or* pode revelar-se instrutiva, facilitando uma melhor avaliação da influência (decisiva) que a sua iniciativa exerceu nos outros membros da *Amicale*, fornecendo-lhes durante vários anos um modelo de referência.

presença entre os nossos alunos de homens muito inteligentes, com tempo disponível e interessando-se pelas novas investigações”.

Aliás, António Sérgio faz parte da minoria de alunos que tem acesso à revista do Instituto, *L'Intermédiaire des Éducateurs*, onde publica dois artigos no decurso da sua “escolaridade”.

A 1ª contribuição aparece em Janeiro-Março de 1916, retomando o título de um estudo de Claparède publicado alguns meses antes, *Droite et Gauche*. Claparède tinha proposto uma equação para calcular o “coeficiente de simetria”: Sérgio critica a sua validade matemática e sugere uma outra fórmula. Ao publicar esta crítica, onde o “aluno” discute de igual para igual com o “mestre”, o Instituto mostra-se fiel ao seu ideário pedagógico. E a autoridade “autónoma” de Sérgio não deixa de sair reforçada.

Em Junho-Julho de 1916 a revista publica um novo texto de Sérgio, *Recherches sur l'imagination*, intervindo desta vez no domínio clínico, a propósito da interpretação das manchas de tinta. Reagindo a uma investigação levada a cabo sob a direcção de A. Giroud, António Sérgio propõe uma nova metodologia de trabalho, bem como a reformulação de alguns dos instrumentos de pesquisa.

É interessante sublinhar que estes dois artigos são escritos em reacção a trabalhos produzidos por professores do Instituto. Tal facto mostra que Sérgio não é indiferente à produção intelectual que se faz neste contexto, ainda que ela lhe pareça insuficiente. Por outro lado, é incontestável que ao darem-lhe a palavra os responsáveis do Instituto reconhecem em Sérgio uma voz atenta e avisada. Manifestamente, António Sérgio não era um aluno como os outros...

O estado de espírito com que Sérgio escreve estes dois artigos parece confirmar a tese defendida por Eduardo Lourenço (1969:251) sobre o autor dos *Ensaios*:

“Raramente, António Sérgio abordou qualquer matéria — acontecimento histórico, obra literária ou problema filosófico — em *primeira mão*. A sua “*démarche*” ensaística é suscitada de preferência pela *opinião alheia*, na sua expressão assinada, ou enquanto “*vox populi*” cultural.

Ver Sérgio desenvolver esforços para que os seus colegas se empenhem com rigor e seriedade na produção de uma autobiografia, não pode deixar de surpreender todos quantos conhecem o desprendimento com que amiúde se referiu aos “passados individuais”. Veja-se um excerto da entrevista radiofónica a Igrejas Caeiro, em 29 de Julho de 1958:

— Perde-se muitas vezes nas recordações de infância?

— Eu, não! Recordo pouco o passado. Sou um homem que quase que se pode dizer que não tem passado, que esqueceu.

Um Assunto da Amicale

A inscrição no *Livre d’Or* não é uma formalidade administrativa. A ideia nasce e desenvolve-se no seio da *Amicale*, associação que corresponde ao desejo de Claparède de romper com o formalismo académico e de instaurar um tipo de relação entre professores e alunos coerente com a doutrina “liberal” do Instituto (cf. Claparède, 1912: 39-41).

O projecto só ganha corpo em 1915, quando António e Luísa Sérgio regressam à Escola das Ciências da Educação. Na discussão dos estatutos da *Amicale*, aprovados em 25 de Junho de 1915⁴, Claparède insiste na necessidade de *uma apresentação pessoal de cada membro da sociedade através de um breve curriculum vitæ*, indo mesmo ao ponto de sugerir que “após o abandono do Instituto continuar-se-á a registar os grandes factos da sua vida, à medida que forem sendo conhecidos” (A.I.J.J.R., FG 1.4).

Esta sugestão é particularmente utópica e não terá seguimento. Mas revela claramente a intenção de Claparède: criar no Instituto um registo-testemunho, no qual as histórias individuais de uma população tão heterogénea viriam ilustrar o desígnio de uma história que doravante se

⁴ Estes estatutos mostram bem as intenções que presidem à fundação da *Amicale*, ainda que sejam bastante discretos quanto aos aspectos recreativos que, rapidamente se tornarão predominantes:

“A sociedade tem como objectivo conseguir uma maior coesão, provocar uma colaboração, uma cooperação mais estreita entre alunos e entre alunos e professores, e uma partilha mais intensa dos trabalhos individuais ou dos seus principais resultados; estabelecer ligações duradouras entre o Instituto e os seus antigos alunos.” (A.I.J.J.R., FG 1.4).

pretende comum. Todavia, a revista *L'Intermédiaire des Educateurs* continuará durante vários anos a publicar notícias sobre os antigos alunos:

— Há muito tempo que não sabíamos de M. e Mme Sérgio de Sousa. Estão muito activos. M. Sérgio dirige uma revista *Pela Grei* e uma biblioteca de educação [que] procuram encorajar todas as energias independentes, sem fazer apelo aos grupelhos políticos com palavras de ordem antiquadas. (“Chronique de l’Institut”, Out.-Dez. 1918: 23).

— M. Sérgio de Sousa escreve-nos dizendo que foi ferido em Dezembro por estilhaços de bomba. ‘Já estou definitivamente fora de perigo; nem sequer estropeado. No meio do azar, acabei por ter muita sorte’. (“Chronique de l’Institut”, Jan.-Abr. 1919: 51-52)⁵.

Na prática, a realização do *Livre d’Or* vai deparar-se com inúmeras dificuldades. A boa ideia de Claparède não suscita execução imediata, nem adesão unânime. Finalmente, no início do ano lectivo 1915-1916, a proposta começa a ser posta em prática.

O Estado do Registo

O *Livre d’Or* contém 117 notícias redigidas por alunos que frequentaram o Instituto entre Outubro de 1912 e Outubro de 1921, que não estão datadas nem organizadas cronologicamente. Este número corresponde a cerca de metade dos 230 alunos que se matricularam durante este período.

⁵ A imprensa relata detalhadamente os incidentes ocorridos durante os funerais de Sidónio Pais, em 21 de Dezembro de 1918 (cf. João Medina, 1988: 8), durante os quais António Sérgio foi ferido.

“*Sete mortos no motim da Baixa*

[...] os feridos que se encontram no Hospital de S. José estão no mesmo estado, sendo ainda muito grave o do publicista António Sérgio de Sousa, filho do Almirante Sérgio de Sousa, que está em tratamento nos quartos particulares por ter sido ferido com quatro balas.” (*O Século*, 23 de Dezembro de 1918).

“*António Sérgio*

Continua melhorando [...] Dando esta boa nova parece-nos interessante registar que lhe foi encontrado, na altura dos rins, metade de um grão de chumbo de arma caçadeira. Desde que ninguém foi visto com tal arma deve presumir-se que se trata de um estilhaço de carga d’alguma bomba.” (*O Dia*, 28 de Dezembro de 1918)

António Sérgio refere-se algumas vezes a este episódio, nomeadamente numa carta de 1923 a Afonso Lopes Vieira (cf. Rogério Fernandes, 1978:59-63) e na entrevista concedida a Igrejas Caeiro em 1958:

“A ideia da morte nunca me causou grande preocupação e há médicos que podem dizer que assim é. Por exemplo, o Dr. Azevedo Gomes, o médico operador, que já teve ocasião de me operar quando eu recebi uns balázios e que poderá talvez testemunhar que a morte me não preocupou nada. Ou a ideia da morte.”

A este propósito José Gomes Ferreira (1969: 330-331) escreveu uma interessante nota pessoal, mencionando a “concepção heróica da vida” presente em António Sérgio.

A observação um pouco acerba feita por António Sérgio no início do seu *curriculum vitae* justifica-se devido ao estado em que ele encontrou o *Livre d'Or*: estão apenas preenchidas cerca de dez notícias, que se limitam a assinalar as actividades profissionais e alguns episódios pessoais ou... a confessar que não possuem nenhuma experiência pedagógica digna de registo⁶. Por isso não surpreende que o texto de Sérgio tenha causado uma impressão tão forte nos seus colegas, servindo de “detonador” e de “exemplo”. Uma coisa é certa: a ideia da autobiografia não lhe parece descabida e as suas observações críticas dizem respeito sobretudo ao facto de esta boa ideia não ter sido devidamente explorada.

Mas será que se tinha compreendido bem o que representava, no contexto do Instituto em 1915-1916, ser obrigado a contar a sua vida? Num ambiente onde se misturava o oficial e o oficioso, o dramático e o banal, a iniciativa e a dependência, seria provavelmente necessária a autoridade pessoal de um António Sérgio e a densidade da sua postura para assumir sem tibiezas o risco de exhibir a sua própria história.

“O Bom Exemplo de M. de Sousa”

Apresentada como exemplo, a autobiografia de António Sérgio vai efectivamente desempenhar este papel. Uma aluna assinala, antes de redigir o seu *curriculum*: “A observação de M. de Sousa é tão verdadeira que me parece que cada um de nós deveria escrever mais do que datas e nomes, que não significam grande coisa”. Outra aluna, depois de algumas banalidades, escreve: “Seguindo o bom exemplo de M. de Sousa, acrescento alguns detalhes sobre a minha vida”. Mas, para além destas referências explícitas, a autobiografia de Sérgio fornece um “modelo do género” de duas outras maneiras.

⁶ Para uma melhor compreensão da atitude de António Sérgio é útil referir o estado em que ele encontra o *Livre d'Or*:

— Uma série de 18 notícias preparadas com os nomes dos alunos dos primeiros cursos, das quais apenas duas se encontram preenchidas, aliás de forma incompleta.

— Uma série de páginas em branco, reservadas provavelmente a alguns alunos que já tinham abandonado o Instituto.

— uma segunda série de 57 notícias destinadas aos alunos que chegaram ao Instituto entre Outubro de 1913 e Janeiro de 1916: António e Luísa Sérgio figuram nesta lista em 9º e 10º lugares. Apenas 25 notícias contêm um *curriculum*, tendo a maior parte sido redigida a seguir às do casal Sérgio de Sousa.

Por um lado, a estrutura adoptada por Sérgio aparece sistematicamente. É verdade que ela não é muito original (pais, infância, primeiras aprendizagens, relação com o meio social, descoberta do mundo, análise da educação escolar, leituras formadoras, orientação, etc.), mas revela-se particularmente adequada ao espírito que reina no Instituto. Sérgio doseia a implicação e o desprendimento com uma mestria que não podia deixar de agradar a um meio intelectual simultaneamente “afectivo” e “cientista”. Sérgio apresenta como uma evidência, a partir da sua própria experiência, uma crítica às tradições escolares. Esta retrospectiva crítica tornar-se-á, aliás, num “rito inevitável”; a tal ponto que uma aluna sente-se profundamente perturbada quando confessa a sua impressão de ter tido uma escolaridade feliz...

Numa outra perspectiva a autobiografia de António Sérgio suscitou, não a imitação vulgar, mas a emulação, o desejo de fazer melhor, adoptando um outro estilo. Três *curricula vitæ* revelam esta intenção: manifestar uma outra capacidade de retrospectiva e de interpretação do seu próprio passado, demonstrar sem presunção uma experiência original, testemunhar um projecto pessoal baseado na maturidade e na autonomia do pensamento.

Este efeito de “modelo” e de “contra-modelo” manteve-se durante alguns anos. Mas, a partir de 1918-1919, instaura-se o hábito de redigir as notícias no momento da *saída* do Instituto. Esta alteração provoca uma profunda modificação no género: o balanço substitui o projecto, e torna-se um ritual quase obrigatório exprimir toda a gratidão para com o Instituto! Teria sido instrutivo encontrar António Sérgio a praticar este tipo de exercício. Não é evidente que o tivesse levado a cabo com benevolência.

É verdade que António Sérgio sempre manifestou grande respeito e consideração pelos professores que teve em Genève, nomeadamente na sua correspondência privada: “Eu vim para aqui por causa do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Escola das Ciências da Educação) recentemente fundado. Está por enquanto modestissimamente instalado, mas os professores são de primeira ordem; constitui uma tentativa *sui generis*.” — Carta a Raul Proença, 1914 (cf. González, 1987: 118). Também várias vezes António Sérgio se referiu publicamente aos professores do Instituto, e lembrava Claparède

quando precisou de evocar uma “autoridade científica”: “tive estreita amizade com verdadeiros cientistas (como um Paul Langevin, como um Eduardo Claparède) os quais sempre me falaram como se reconhecessem em mim um homem de mentalidade acentuadamente científica” (Sérgio, 1950: 45). Adolphe Ferrière mereceu-lhe igualmente o epíteto de “grande apóstolo da educação nova” no prefácio à edição portuguesa do *Transformons l'école*⁷.

No entanto, paralelamente a este respeito pessoal, António Sérgio não deixa de manter uma certa distância face ao Instituto Jean-Jacques Rousseau e ao seu funcionamento: ele não era, definitivamente, um dos homens da *camarilla claparedensis*⁸. Numa carta dirigida a Claparède em Agosto de 1925 sente-se mais a cortesia do que a amizade ou a cumplicidade⁹. Esta missiva

⁷ Em resposta a uma solicitação de A. Sérgio, Adolphe Ferrière escreve-lhe em 25 de Junho de 1926 propondo uma edição em condições particularmente vantajosas:

“Celui de mes livres qui est le plus simple et qui est pour ainsi dire un manifeste de vulgarisation de l'Ecole nouvelle, c'est mon livre “Transformons l'Ecole”. Celui-ci pourrait être répandu aussi dans le public des parents capables de s'intéresser à l'éducation de leurs enfants.”

A edição portuguesa do livro teve várias peripécias, tendo finalmente aparecido a público em 1928, sob a responsabilidade da Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy (Paris), Um dos tradutores, o pedagogo Álvaro Viana Lemos, escreveu no exemplar guardado no seu espólio:

“O livro não foi posto à venda em Portugal. A edição foi toda para o Brasil por motivos políticos.”

O respeito mútuo entre Adolphe Ferrière e António Sérgio mantém-se durante vários anos e, em 1927, quando se cria a secção portuguesa da Liga Internacional Pró Educação Nova, o pedagogo suíço sugere (impõe?) o nome de António Sérgio para a sua direcção, apesar de ele já se encontrar em França:

“Escrevo nesta data ao Sérgio para que ele tome para si a secção da Educação Nova, na revista, conforme os desejos do Ferrière manifestados na carta que este escreveu ao meu amigo.” (Carta de Adolfo Lima a Álvaro Viana Lemos, 9 de Setembro de 1927).

De facto, no número de Outubro de 1927 da revista *Educação Social* aparece a secção sob a direcção do Dr. António Sérgio. Mas, devido a prisão de Adolfo Lima, este seria o último número da revista...

Aliás, já em 1914, na sua qualidade de Director do *Bureau International des Écoles Nouvelles*, Adolphe Ferrière tinha convidado António Sérgio para fundar uma escola nova em Cuba. O convite não foi aceite, tendo vindo a recair sobre Faria de Vasconcelos esta missão, infelizmente coroada de pouco êxito.

⁸ A expressão *camarilla claparedensis* foi empregue por Adolphe Ferrière no seu *Petit Journal*, prenunciando um conflito que viria a estalar em 1923 com a crítica de Claparède à obra *L'école active*.

Apesar de tudo, Sérgio participa em várias excursões à montanha organizadas por Claparède, bem como nas actividades recreativas da *Amicale*.

A acta da sessão do dia 16 de Fevereiro de 1916 assinala: M. e Mme de Souza ofereceram três pratos de bolos. Aplausos calorosos sublinham o gesto destes amigos. Quem é o próximo?. E no final da mesma sessão quando o Presidente Sérgio recebe uma oferta anónima para a *Amicale* exclama: “Só pode ser de uma senhora!”.

Luísa Sérgio participou como actriz na récita do final do ano académico 1915-1916. É provável que António Sérgio tenha sido um dos autores da peça. A acção constrói-se em torno de uma visita de Jean Jacques Rousseau ao Instituto que tem o seu nome. Depois de ter encontrado um professor muito sábio, Jean-Jacques Rousseau tem o seguinte diálogo com o contínuo que guia a sua visita:

— *J.J.R.*: Os estudantes estão à altura dos seus eméritos professores?

— *Contínuo*: Digo-vos que sim! Vou buscar o *livre d'or*. Assim podereis conhecê-los. Há indianos, chineses, turcos!

Um pouco de tudo! Dir-me-eis o que pensais.

(Lê as curricula vitarum das senhoras que não quiseram escrever nada no livre d'or.)

⁹ Carta de António Sérgio a Eduard Claparède (Lisboa, 20 de Agosto de 1925)

“Cher Monsieur

Vous croyez peut-être que ce diable de Sousa est déjà mort, puisque voilà déjà dix ans que je n'ai eu le plaisir de vous voir, ni fait mon devoir de vous écrire.

não faz qualquer alusão à sua estada no Instituto, corroborando a extrema discrição com que Sérgio se refere a este breve episódio da sua vida, que não parece ter-lhe deixado marcas indeléveis. É que, provavelmente, ele não era homem para se contentar com a cordialidade em vez de competência.

II. Autobiografia de António Sérgio

Nesta segunda parte procederemos à transcrição integral, conservando a ortografia original, da autobiografia de António Sérgio (coluna da esquerda), fazendo-a acompanhar de alguns comentários e informações adicionais (coluna da direita). Para uma melhor compreensão destes comentários dividimos a autobiografia em seis zonas, separadas por uma linha tracejada: identificação — família — educação na infância — ensino secundário — génese do pensamento e juventude — actividade após 1910.

A reprodução em fac-símile permite a visualização do documento original.

Autobiografia	Comentários
<p>António Sérgio de Sousa</p> <p>signature: António Sérgio de Sousa</p> <p>date de naissance: 3 Septembre 1883</p> <p>lieu d'origine et de résidence: Né à Damão (aux Indes Portugaises) Je suis venu, cette fois, de Lisbonne. Adresse (bureau de mon beau-père) Rua do Comercio, 31 –2º <i>Lisbonne</i></p> <p>nationalité: portugaise</p> <p>religion: aréligieux</p> <p>titres et diplômes: J'ai été officier de marina jusqu'à Juin 1915. J'ai demandé ma démission.</p> <p>professions des parents: Père officier de marine; se consacra à l'administration coloniale; Il était aussi fils d'une officier de marine.</p>	<p>Em relação a esta primeira zona da autobiografia não há muitos aspectos dignos de realce.</p> <p>Registe-se, no entanto, a fórmula encontrada por Sérgio para responder à pergunta sobre a religião: <i>areligioso</i>. Trata-se de um neologismo que ilustra bem a atitude de Sérgio face à questão religiosa. Por outro lado, é interessante assinalar que, apesar de ter pedido licença ilimitada na Marinha após a implantação da República, Sérgio só se demitiu definitivamente em Junho de 1915</p>

[...]

[Ma cousine Virginia de Castro e Almeida] s'intéresse à des questions d'éducation, et je lui ai conseillé de recourir à vous et à votre Institut Rousseau. Je ne doute pas de ce qu'elle me remerciera beaucoup de mon idée, et de ce que vous aussi vous me saurez gré de vous donner l'occasion d'aider de vos conseils un esprit tel que le sien. [...]"

(Bibliothèque Publique et Universitaire/Genève: Ms. Fr. 4007).

Autobiografia	Comentários
<p>Faire un curriculum vitæ ad libitum en portant son attention sur les expériences pédagogiques. J'écrirai ce qui peut être un document pour le pédagogue. J'aurais trouvé ce livre très intéressant si mes prédécesseurs avaient fait de même.</p> <p>Hérédité: <i>Père.</i> M. de artério-sclerose en 1905. Homme très sain, de très bon sens, très équilibré, sérénité et bonne humeur extraordinaires. Très rigoureux et prévoyant dans les choses publiques, peu prévoyant dans les siennes.</p> <p><i>Mère.</i> Malade, très nerveuse, toujours plaintive et remuante. Son père était un officier et propriétaire de tempérament rude et violent; son grand-père a mérité d'être appelé «le dernier conquistador des Indes». Elle n'est pas courageuse, mais a hérité quelque chose de l'élan de son grand-père. Entant gâté de sa famille. Dans la famille de mon père, on trouve un très solide bon sens, mais pas d'aptitudes artistiques; dans celle de ma mère, au contraire, on trouve de ces aptitudes et quelquefois assez de déséquilibre.</p>	<p>As referências que António Sérgio faz à sua mãe, Ana Maria Henriques Sérgio de Sousa, constituem o aspecto mais interessante desta zona da autobiografia. De facto, as alusões de António Sérgio à origem e ao temperamento da sua mãe são muito raras (Vasco Magalhães-Vilhana, 1976:144). Aqui surge-nos o confronto entre o bom senso, o equilíbrio e a serenidade do lado paterno e a aptidão artística, o desequilíbrio e a instabilidade do lado materno.</p> <p>Na <i>Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira</i> existem notícias sobre o seu bisavô materno, o “último conquistador da Índia”, General Henrique Carlos Henriques, sobre o seu avô paterno, Almirante Visconde de Sérgio-de-Sousa, e sobre o seu pai, Vice-Almirante António Sérgio de Sousa¹⁰.</p> <p>A estes dois últimos dedica António Sérgio, respectivamente, “A propósito dos <i>Ensaios Políticos</i> de Spencer” e <i>Divagações pedagógicas</i>”:</p> <p>— “A memória do almirante visconde Sérgio de Sousa, herói das campanhas da liberdade, que há um século emigrou de Portugal por incompatível com a tirania, dedica o seu neto, emigrado também”;</p> <p>— “A memória de meu Pai, que me educou num regime de liberdade plena, respeitoso da minha personalidade, dedico esta leve fantasia sobre problemas de educação”.</p> <p>.....</p>
<p><i>Éducation.</i> J'ai passé mon enfance (de trois jusqu'à près de dix ans) en Afrique occidentale, où mon père était gouverneur du Congo portugais. Maladies graves du pays. Pas d'autres enfants avec qui jouer; pas d'éducation systématique; pas d'éducation religieuse (ma mère est catholique et mon père n'était pas un "libre</p>	<p>Nesta zona da autobiografia António Sérgio traça o esboço de “uma pessoalíssima experiência de auto-educação” (Joel Serrão, 1975:114). Tendo vivido a sua infância num regime de liberdade plena, Sérgio usufruiu de uma “educação não-escolarizada”, que marcou profundamente o seu pensamento pedagógico. Mas, na sua opinião, este regime teve dois inconvenientes, provocados pela ausência de um projecto educativo.</p>

¹⁰ Sobre a família de António Sérgio é útil consultar o artigo de Lopes Rodrigues no *Dicionário Biográfico Universal de Autores* (pp. 3215-3222). Ver também Sottomayor Cardia (1982:411-415) e Matilde Sousa Franco 1983: 785-9~37).

Em cenas passagens da entrevista radiofónica concedida a Igrejas Caeiro (29 de Julho de 1958), na entrevista a *O Diabo* (27 de Janeiro de 1940), nas *Notas de esclarecimento* (1950), nas *Cartas do Terceiro Homem* (3ª série, 1957), no tomo II dos *Ensaios*, e em vários outros textos, António Sérgio refere-se às suas origens e à sua educação familiar.

Autobiografia	Comentários
<p>penseur”, mais il trouvait que c’étaient là des choses que je connaîtrais plus tard); du reste, respect absolu pour les croyances religieuses, que je voyais sous des formes curieuses et bizarres chez les indigènes. Traité sous un régime très libre, je crois que je n’ai été jamais grondé; jamais battu. Mon père me traitait presque comme un frère; j’étais son compagnon; son entourage l’imitait en cela et me traitait comme un petit homme. Ce n’était pas là de la part de mon père une méthode consciente, un système, une intention. La liberté a été très bonne, mais e manque de dessein a eu deux inconvénients: 1° pas de traitement et d’éducation physique pour réparer les ravages du climat très insalubre du Congo portugais; 2°, plus tard, à l’âge des grandes transformations intellectuelles et sentimentales (18-21 ans) il ne m’a pas bien compris, et je n’ai pas eu en lui le compagnon idéal qu’il aurait pu être. J’ai appris à lire dans un atlas de géographie français, en faisant des questions à mon père sur les pays, les capitales, etc.; les noms se gravaient peu à peu globalement dans ma mémoire. Jusqu’à 10 ans, toute ma croissance intellectuelle s’est faite au hasard de la causerie spontanée; on me laissait parler avec pleine liberté. Lorsque j’entrai au Portugal (10 ans) les gens qui ne connaissaient pas la façon de mon père m’ennuyaient beaucoup lorsqu’ils me faisaient des questions enfantines; je les trouvais ridicules. Je sentais et je sens qu’on est souvent trop enfantin avec les enfants. La société exclusive de coloniaux et d’officiers de marina, les traditions familiales, les voyages fréquents, gravèrent dans mon esprit l’idée de devenir officier de marine. Jusqu’à presque 10 ans (ou même 10), je n’ai donc vu une école.</p>	<p>Em primeiro lugar, a falta de uma actividade física, que pudesse compensar os problemas causados pelo clima insalubre do Congo português (alguns anos mais tarde, Sérgio seria obrigado a abandonar o Brasil, por duas vezes, em grande medida devido a dificuldades sentidas com o clima). Numa conferência proferida em 1923, A. Sérgio pugnará pela redução dos programas gerais de ensino em favor de uma <i>séria</i> educação física: “Desejamos que se consagrem, pelo menos, oito horas semanais à cultura física, <i>sob a direcção de um médico</i>; que ela, a cultura física, seja essencialmente <i>higiênica e educativa</i>” (Sérgio, 1923: 32).</p> <p>Em segundo lugar, a inexistência de uma orientação clara na idade das grandes transformações intelectuais e sentimentais (18-21 anos), A. Sérgio refere-se à falta de diálogo e de conselho no período das escolhas académicas e profissionais que o conduziram, mais por inércia do que por opção, à carreira militar na Marinha. Também na entrevista a <i>O Diabo</i> (27.1.1940) aborda esta questão: “— Faltou-me aos 16 anos quem me fizesse ver claro nas minhas aptidões, possibilidades e gostos mais profundos e naturais, e uma lição que se tira da minha vida é a da conveniência do orientador profissional”. Registe-se ainda a influência que o contacto com as tradições nativas exerceu na formação moral e religiosa do jovem Sérgio; é um tema ao qual ele regressa em diversas outras ocasiões. “Em pequeno, tivera ensejo de verificar que meu Pai, governador do Congo, encarava sempre com humanidade e respeito as cerimónias feiticistas dos negros de África: e todos os ritos ficaram para mim nivelados, como produtos de uma mentalidade que se me afigurava infantil” (1957, p. 24).</p> <p>Todavia, o aspecto mais interessante é a crítica à escola que Sérgio começa a esboçar nas últimas linhas desta parte da autobiografia. É uma crítica feita sobretudo da desconfiança em relação às virtudes de uma “educação escolar”, insistentemente exaltadas ao longo do século XIX, também por sucessivas gerações republicanas. Sérgio ilustra bem o espírito que reina no Instituto Jean-Jacques Rousseau e no seio</p>

Autobiografia	Comentários
<p>En arrivant alors au Portugal, je pus me préparer rapidement pour l'examen d'instruction primaire, afin d'entrer au Collège Militaire. Après de très rapides tatonnements, j'ai été des premiers dans la classe, ce qui prouve que leur temps d'école n'avait pas été en avantage pour mas camarades. Je n'effleurerai même pas les problèmes pédagogiques que le cas suggère. J'ai bien travaillé, mais trouvais mon travail très ennuyeux, surtout la grammaire (un martyre de définitions très abstraites et de longues subtilités), l'histoire (chapelets de "faits notables" de chaque règne, sans indication de rapport entre eux ou avec quoi que ce soit) et la chorographie du Portugal (kyrielle de villes et villages baignés par chaque fleuve, d'amont en aval. Je m'étonnais d'être obligé de savoir par coeur des choses que des adultes très instruits (c'est-à-dire, que je voyais être considérés comme tels) ne savaient pas: je m'en apercevais dans les causeries de mon père et de ses amis. En le jugeant avec du sens historique, pour ainsi dire, en dehors des anciennes méthodes éducatives, je dois dire du bien de l'éducation scientifique que j'ai</p>	<p>do Movimento da Educação Nova, construído justamente nos interstícios da desconfiança e da crença em relação ao modelo escolar: a célebre <i>história do diabo e da escola</i>, contada por Adolphe Ferrière, aí está para o confirmar (cf. Névoa, 1988: 7-8). Não espanta por isso que, nalguns textos, António Sérgio tenha chegado a propor como meta a atingir que a escola não faça mal à criança: "A escola, até hoje, tem sido um acervo de coisas maléficas, de tratos diabólicos, de prescrições tirânicas: e já é importantíssima reforma a simples anulação das coisas más. Grande programa: não fazer mal!" (Sérgio, 1977: 181-182).</p> <p>.....</p> <p>António Sérgio prolonga a crítica à "escola actual", com base na sua própria experiência: "[...] o que prova que o tempo de escola não tinha trazido nenhuma vantagem para os meus colegas". Não é possível falar sobre a educação sem o recurso à metáfora; de Genève, Sérgio escreverá em 1916: "educar uma criança enviando-a à actual escola é como preparar um automobilista metendo-o no museu dos coches reais" (1ª ed. - 1920; cf. 1980: 177).</p> <p>No entanto, a menção mais relevante desta zona da autobiografia diz respeito à génese do pensamento do António Sérgio. É conhecido o seu relato auto-biográfico segundo o qual teria despertado para a filosofia "a partir de uma reflexão pessoal sobre a geometria analítica e sobre a física matemática das quais recebi como que um choque eléctrico quando na Escola Politécnica as conheci um pouco" (Sérgio, 1950: 40). Esta versão autobiográfica, inicialmente posta em causa por António da Silveira (1976: 26-27) e por Vasco de Magalhães-Vilhena (1976: 123-145) ainda não está consolidada em 1915-1916 quando António Sérgio redige este texto no <i>Livre d'Or</i>. E verdade que surge já o "gosto pela matemática", pelos "encadeamentos de teoremas" e até pela "forma do encadeamento geométrico"; mas a <i>idealização</i> da construção autobiográfica, pacientemente erigida por António Sérgio a partir dos <i>anos vinte</i> (Cardia, 1982:</p>

Autobiografia	Comentários
<p>que j'ai reçu au Collège Militaire (instruction secondaire), et surtout de mes professeurs de mathématique et de physique. J'aimais beau-coup la mathématique, trouvais très beaux les enchaînements de théorèmes, et rêvais d'une mathématique universelle. Je m'amusais à donner la forme de l'enchaînement géométrique à tout ce que je connaissais, et plus tard (18 ans) fus ravi lorsque je feuilletai pour la première fois l'<i>Ethique</i> de Spinoza (lorsque j'étais déjà à l'Ecole Navale, mon professeur de droit maritime railla beaucoup cette manie, qu'il trouvait dans les expositions de mes très minces connaissances du sujet de son cours, et dont il reste surtout la haine du verbiage). Je lisais dans les vacances des livres de marina de la bibliothèque de mon père. Au Collège je fus un inquiet, pas du tout un révolté, mais un joueur, un railleur très vif que ne prenait pas au sérieux la discipline militaire, ni qui ce soit si ce n'étaient les professeurs où je reconnaissais une solide capacité scientifique.</p>	<p>415-418) ainda está longe da sua forma definitiva. Para além da ausência de referências à geometria analítica <i>stricto sensu</i> registre-se que a descoberta da matemática é situada no período da instrução secundária (Colégio Militar) e não na fase da Escola Politécnica (cf. Vilhena, 1976: 133). Por outro lado, o “curto-circuito” faz-se através de Spinoza e da sua <i>Ethica ordine geometrico demonstrata</i>, a primeira leitura de referência de António Sérgio, aos 18 anos de idade.</p> <p>Aliás, nas páginas seguintes do <i>Livro d'Or</i>, Sérgio diz que “ao gosto da matemática sucedeu o da filosofia, da literatura e da arte”, sem estabelecer uma relação directa entre estes dois universos intelectuais.</p> <p>Registe-se ainda nesta zona da autobiografia um certo desencanto em relação aos professores da Escola Naval e a alusão à atitude inquieta e viva durante a escolaridade no Colégio Militar; trata-se de duas questões focadas numa interessante carta que dirigiu a Luísa Sérgio em 9 de Junho de 1909: “Acabáva o primeiro anno da Escola Naval com uma grande desillusão. (...) — mas depois, na Naval, que queda! Os professores eram uns burros enfiadas e ôquissimos, de quem todos troçavam, que me não inspiravam senão desdem. (...); A vida fora para mim até ahi um jogo de imaginação puramente desinteressada e não-sentimental: lia muita história, saboreava a matemática, era no collegio muito vivo, revolucionário, excêntrico: deixei lenda”. (Franco, 1983: 815-816)</p> <p>.....</p>
<p>Je fis une année de Polytechnique, et entrai à l'Ecole Navale. Les années d'Ecole Navale (18 à 21 ans) ont été mon époque — très passionnée de <i>Sturm und Drang</i>. Au goût de la mathématique succéda celui 1 de la philosophie, de la littérature de l'art. A ce changement correspond celui d'attitude envers ma profession surtout envers les longs séjours stagnants dans les paris d'Afrique. Je</p>	<p>Nesta zona da autobiografia António Sérgio dá-nos uma verdadeira <i>árvore genealógica</i> das suas influências intelectuais. Reconhecem-se aí, sobretudo no 1º grupo (Spinoza, Descartes Pascal, Leibniz, Berkeley, Kant, Schopenhauer Comte, Taine, Stuart Mill, Spencer Guyau, Fouillée), alguns dos autores que mais contribuíram para a construção do pensamento sergiano. O grande ausente é Platão, mas é provável que nesta época Sérgio só conhecesse o filósofo grego</p>

Autobiografia

Comentários

lis alors (19-26 ans) sans méthode Descartes Pascal, Leibniz, Berkeley, Kant, Schopenhauer, Comte, Taine, Stuart Mill, Spencer, Guyau, Fouillée; les classiques français (Montaigne, Ronsard, Corneille, Racine Bossuet Molière, Rousseau, Buffon, Montesquieu), les poètes modernes de la France, Hugo Lamartine, Musset, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme Hérédia; Cervantes et les tragiques espagnols, ainsi que le poète moderne Zorrilla; des anglais surtout Shelley; quelques italiens et, bien entendu, des portugais. Je penchai vers le volontarisme, que je trouvai premièrement dans Schopenhauer, et après dans Fouillée, Wundt et Hoffdin. Le cours de l'Ecole avale fini, je fis un grand tour en Orient (à peu près une année et demie, en allant par Suez et venant par e Cap de Bonne Esperance), un court séjour en Angleterre, et aux les du Cap Vert. Un ami publia un volume de mes poésies qu'il avait choisies et un essai sur notre grand poète-philosophe Antero de Quental, une de mes plus grandes admirations littéraires, mais je me tiens toujours isolé et toujours à l'écart dos littérateurs et des journalistes, gens dont le tempérament, la vanité, l'attitude *artiste* envers la vie morale et sociale, et l'étalage, me sont souvent très antipathiques.

através de Fouillée (Sérgio, 1938: 366); todavia é curioso assinalar a não inclusão de Fichte neste rol de leituras. Um outro aspecto interessante é a forte referência ao movimento de reacção contra o *Aufklärung*, em que participaram Goethe e Schiller: "Os anos da Escola Naval (18 a 21 anos) foram a minha época — muito apaixonada — de *Sturm und Drang*".

Através de uma análise da biblioteca pessoal de António Sérgio¹¹ pudemos confirmar a existência de livros de todos os autores citados na autobiografia. Confrontando o estado das diversas obras verifica-se que *Sérgio trabalhou* de forma muito especial os livros de Fouillée, nomeadamente *La philosophie de Platon* e *Histoire de la philosophie*, e de Guyau nomeadamente *Education et hérédité*: parece assim confirmar-se a tese de Sottomayor Cardia (1982: 448-452 e 457-460).

Da lista de autores apresentada por António Sérgio aqueles que têm maior número de obras na sua biblioteca pessoal são: Fouillée – Wundt – Spinoza – Kant – Rousseau – Descartes – Leibniz – Guyau. Por outro lado, verificamos que quase todos estes autores estão incluídos na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (as excepções que confirmam a regra são Höffding e Guyau), de que António Sérgio foi um dos principais artífices. Graças à colaboração do Dr. Jacinto Baptista foi possível atribuir a autoria das notícias da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* respeitantes a estes escritores; foi sem surpresa que constatamos terem sido maioritariamente redigidas por António Sérgio (com excepção das notícias sobre Herédia, Leconte de Lisle, Shelley e Zorrilla), não tendo sido possível devido a lacunas nos arquivos confirmar a autoria das notícias sobre Berkeley, Bossuet, Butfon, Comte,

¹¹ É provável que a biblioteca pessoal de António Sérgio não esteja completa, sendo quase certa a falta de várias obras. Por isso, as afirmações produzidas têm que ser lidas com a precaução de constituírem uma mera pesquisa preliminar sujeita a confirmações e a aprofundamentos posteriores. Registe-se que o hábito mantido por António Sérgio de sublinhar, de anotar e mesmo de fazer índices temáticos dos livros que lia favorece a realização de inúmeras investigações, nomeadamente sobre as influências que os vários autores exerceram no seu pensamento.

Aproveitamos esta oportunidade para agradecer as facilidades que nos foram concedidas na *Casa António Sérgio*, tanto no acesso à biblioteca como na consulta do espólio aí conservado.

Autobiografia	Comentários
<p>Peu après mon mariage, la République ayant été proclamée après une propagande dont le caractère exclusivement négatif je n'approuvais pas, je demandai un congé, pensai à donner des leçons, pris la direction d'un magazine et entrai dans les travaux d'une grande compagnie d'édition de gros ouvrages, avec laquelle j'ai travaillé à Lisbonne, à Londres, au Brésil, et continue d'être en rapport. Les événements politiques</p>	<p>Corneille e Descartes¹². Cremos que estas indicações possibilitam uma análise interessante sobre a apreciação que Sérgio fazia sobre a sua própria <i>árvore genealógica</i>.</p> <p>.....</p> <p>Depois de ter manifestado a sua antipatia em relação aos “literatos” e aos “jornalistas”. António Sérgio afasta-se das “soluções da política dos partidos ou das clientelas” e dos “políticos de profissão”. É um tema que abordará várias vezes, nomeadamente a propósito da sua passagem pelo governo em 1923-1924 como Ministro da Instrução Pública: “apesar do meu asco às funções de poder — de poder real ou fictício” (Sérgio, 1977: 61); “não me creio com dotes de homem político, e não sinto para tal o menor pendor” (Sérgio, 1934: 7)¹³.</p>

¹² É claro que o facto de atribuir a autoria de certas notícias da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* a António Sérgio não tem o mesmo significado de um artigo assinado por este autor. Segundo o Dr. Jacinto Baptista, António Sérgio tê-lo-ia explicitamente afirmado quando confrontado com certas passagens da sua responsabilidade na *G.E.P.B.*, dizendo que neste contexto se limitava a interpretar as opiniões dominantes sobre os factos e/ou sobre os autores, e não a transmitir a sua opinião pessoal. Apesar de tudo, não deixa de ser interessante saber quais as notícias da autoria do A. Sérgio, sobretudo conhecendo a sua maneira de ser...

Lacunas existentes nos *Arquivos da G.E.P.B.*, não permitem fazer atribuições de autoria relativamente aos volumes 7, 8 e 15. Por outro lado, só se conhecem as contribuições de António Sérgio a partir da letra C (entrada “Cabido”).

¹³ A este propósito não pode deixar de ser dito que a forma como António Sérgio entrou para o governo em 1923 não confirma o “desprendimento” e mesmo o “desprezo pelo poder político” tantas vezes apregoado. Este episódio contribuiu para acentuar algumas tensões no seio do grupo *A Seara Nova*, agudizando nomeadamente o conflito entre António Sérgio e Faria de Vasconcelos.

Luís Simões Raposo, chefe de gabinete de António Sérgio, tenta uma vez mais “explicar” a Faria de Vasconcelos, em carta de 30 de Dezembro de 1923, como “as coisas se passaram”, da forma a obter o apoio deste pedagogo para a acção ministerial:

“Realmente reuniu-se o grupo da “Seara Nova”; e, do que lá se passou, podó V. Ex.^a informar-me melhor do que eu a V. Ex.^a. O Cortezão encontrou-se com o Sérgio e disse-lhe que fora resolvida a entrada no ministério por esta forma:

Instrução - Jaime Cortezão
Guerra - Ribeiro Carvalho
Agricultura - António Sérgio

Isto passava-se no caminho para Belém e foi nele que da conversa havida entre o Jaime e o Sérgio se resolveu deixar vaga a pasta de Agricultura e ir o Sérgio para a Instrução. A urgência foi tamanha que o Sérgio mal teve tempo de envergar um *frack* e não pôde falar com pessoa alguma” (Nóvoa, 1986: 113-121). Num documento manuscrito em que explica as suas desavenças com A. Sérgio, Faria de Vasconcelos não deixa de assinalar esta questão:

“O Sr. Sérgio apareceu à última hora Ministro da Instrução; a pessoa designada foi o Jaime e não ele; se o Sr. Sérgio tivesse sido proposto eu teria votado contra, pois não seria desprimor, creio eu, para este Sr., não lhe reconhecer as capacidades necessárias de organização e reatização; o Sr. Sérgio é um homem de gabinete (Nóvoa, 1986:113-121).

Aliás, é o próprio António Sérgio que, de algum modo, reconhece em carta dirigida a Jaime Cortezão, que nem tudo se terá passado como previsto:

“Acusa-me a consciência de algum dia ter sido ingrato para consigo, quando, dominado pelo sonho de criar uma *Junta de Orientação dos Estudos*, aceitei a ideia de ser ministro da Instrução em vez de só

Autobiografia

Comentários

et sociaux de mon pays éveillèrent en moi l'intérêt pour les questions sociales et historiques; mes réflexions m'ont conduit à mépriser les solutions de la politique des partis ou clientèles (à laquelle, du reste, je ne me suis jamais intéressé, et dont les procédés m'indignent) et à reconnaître la valeur des facteurs éducatifs (dans la famille, dans la communauté de travail, dans l'école). J'ai senti une grande sympathie pour le peuple portugais, si plein de bonnes qualités, si trompé et malmené par les politiciens de profession et si délaissé par les classes dites "dirigeantes". C'est alors qu'ayant lu dans la *Revue de métaphysique et de morale* la nouvelle de la fondation d'un centre de recherches pédagogiques sous le nom d'*Institut Jean-Jacques Rousseau*, je lis le projet d'y venir lorsque mes travaux me permettraient de m'éloigner des centres de nos affaires. Je crois avoir gagné dans ces travaux (où je suis en contact avec des anglo-saxons) un sens assez exact des réalités sociales et des besoins sociaux, que je trouve manquer assez souvent chez les professeurs de la jeunesse, même quand ils sont d'excellents maîtres, entraîneurs et psychologues; à mon sens, ils n'ont pas assez vu au travail le monde des usines, des bureaux, des banquiers, des industriels, des commerçants, des travailleurs. Ce sont là des points de vue sur la "vie" moderne où il est bon de se placer lorsqu'on demande (comme on le répète aujourd'hui, et d'ailleurs très justement) une éducation pour la vie". C'est celle que je souhaite pour le peuple portugais, après m'avoir demandé quelles en seraient pour lui les conditions spéciales, que j'ai cherchées dans une analyse économique-sociale de l'histoire de mon pays*.

António Sérgio de Sousa

De seguida, António Sérgio afirma que foram os acontecimentos políticos e sociais vividos em Portugal na sequência da proclamação da República que o despertaram para as questões sociais e históricas. Ao abandono da Armada, sucedeu-se o interesse pelo ensino, a direcção de uma revista e a ligação a uma grande empresa editora.

Graças a uma notícia publicada na *Revue de métaphysique et de morale* António Sérgio soube da fundação do *Instituto Jean-Jacques Rousseau*, e desde logo acalentou o projecto de aí estudar quando os negócios no Brasil o permitissem.

António Sérgio termina a autobiografia referindo que o trabalho nesta empresa editora e o contacto com o mundo anglo-saxão lhe permitiram uma apreensão mais exacta das realidades e das necessidades sociais; na sua opinião este conhecimento falta aos professores, mesmo quando se revelam bons mestres, treinadores e psicólogos: "não tiveram um contacto suficiente com o trabalho no mundo das fábricas, dos escritórios, dos banqueiros, dos industriais, dos comerciantes, dos trabalhadores". E António Sérgio conclui dizendo que esta perspectiva sobre a "vida moderna é fundamental, sobretudo quando se reivindica muito justamente uma educação "para a vida". Na verdade, não deixará, em diversas ocasiões, de pugnar por esta mesma ideia: "Tal como o piloto deve conhecer o mar, assim o professor devo conhecer o mundo" (Sérgio, 1918: 20).

pensar em que o fosse o meu Amigo, como devia ser" (rascunho de uma carta de A. Sérgio a Jaime Cortesão, com a data de 2 de Julho de 1959, guardado na *Casa António Sérgio*).

* António Sérgio refere-se provavelmente à sua colaboração em *A Vida Portuguesa* e em *A Águia* e à brochura *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares* (1914).

O discurso autobiográfico é importante *pelo que diz*. Mas também *pelo que não diz*. Esta autobiografia de António Sérgio está mais marcada pelo presente do que pelo futuro: não se trata de “deixar uma memória”, mas antes de “construir uma imagem”. Em Genève, António Sérgio não quer ser *uma aluno como os outros*: esta autobiografia ajuda-o a traçar a diferença. E o género foi bem escolhido num Instituto com o nome de Jean-Jacques Rousseau, que um dia escreveu:

Parmi mes contemporains il est peu d'hommes dont le nom soit plus connu dans l'Europe et dont l'individu soit plus ignoré. [...]. Chacun me figurait à sa fantaisie, sans crainte que l'original vint le démentir.

Aos 32 anos de idade, no epicentro da *Educação Nova*, António Sérgio decide falar da sua “infância desescolarizada” e dos autores que mais o influenciaram, do seu desprendimento pela política e da sua crença no valor dos factores educativos (na família, na comunidade de trabalho, na escola). A sua escrita é legitimada por uma já significativa experiência social e profissional, bem como pela publicação de alguns trabalhos.

O estilo de António Sérgio está bem presente nesta autobiografia. A vários títulos... A sua estatura impõe-se. Este homem não é um homem vulgar.

III. Génese do pensamento pedagógico de António Sérgio (1914-1916)

Rui Grácio (1968:184) afirma muito justamente que “considerada no seu conjunto e no seu objectivo derradeiro, é de pedagogo a obra de António Sérgio”. Outros autores corroboram esta ideia: Vasco de Magalhães-Vilhena (1975: 97) refere que “à maneira dos gregos, a filosofia de Sérgio é essencialmente uma *pedagogia social* ou, mais propriamente uma *paideia*”; J. Oliveira Branco (1986: 210) sublinha que “a pedagogia sergiana vai assim muito além do campo específico do *ensino*”.

O próprio António Sérgio define-se sistematicamente como *pedagoga*, no sentido abrangente do termo. Na entrevista a *O Diabo*, em 1940, afirma:

“não me considero um literato ou um escritor, mas um pedagogo ou um pregador que escreve”. E em 1958, quando Igrejas Caeiro lhe pergunta se gosta de ser considerado como professor, escritor, economista ou sociólogo, a sua resposta não se faz esperar: “Talvez filósofo, sociólogo e reformador social... e pedagogo”.

É por isso que Joel Serrão ao escrever o seu “António Sérgio, o Educador” aborda não tanto o aspecto pedagógico da obra sergiana, mas sobretudo a sua missão de educador, no sentido etimológico da palavra (conductor, “maître à penser”): “António Sérgio não concebeu jamais um projecto pessoal de pedagogo *strictu sensu*, dado às tarefas e à metodologia do ensino com uma atenção exclusiva, de modo a realizar-se nelas e por elas em plenitude. [...]. O problema educativo, tal o concebeu, transcendia o pedagogo, e ia bem mais fundo na diagnose da sorte de paralisia que afectava o país” (Serrão, 1969:244-245). No contexto deste artigo é a obra pedagógica de António Sérgio, no sentido estrito do termo, que nos interessa. Deste modo, tentaremos assinalar o núcleo central das suas ideias pedagógicas e, sobretudo, compreender *onde, quando e como* se geraram e se desenvolveram.

Genève 1914-1916: Um Tempo Fundador na Pedagogia Sergiana

Num texto escrito na fase final da sua vida intelectual, espécie de balanço sobre o seu ideário pedagógico, António Sérgio rememora o essencial das teses sobre educação e ensino que defendeu ao longo da sua obra:

- 1º - Novos processos de educação infantil, expostos por Luísa Sérgio em *O Método Montessori* (1915);
- 2º - Ligar a instrução popular às actividades produtoras da região da escola, ideia defendida nomeadamente em *A função social dos estudantes* (1917) e na *Educação Profissional* (1916);
- 3º - Estudar a nossa história à luz das determinantes económico-sociais, como estabelecido nas *Considerações histórico-pedagógicas* (1915a);

- 4º - Proclamar a indispensabilidade de bolsas de estudo no estrangeiro, pretensão mencionada em *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares* (1914);
- 5º - Combater o ensino puramente mnemónico, ideia posta em relevo nas *Noções de Zoologia* (1917a);
- 6º - Treinar futuros cidadãos democratas pelo emprego dos métodos da democracia política, tese nuclear da *Educação Cívica* (1915);
- 7º - Um plano de organização do ensino público, em que se sublinhasse o proveito de desenvolver o ensino de continuação, proposta surgida em *O ensino como factor do ressurgimento nacional* (1918). Como complemento deste labor pedagógico, António Sérgio assinala ainda a *Escala de pontos dos níveis mentais* (1919) escrito em colaboração com a sua mulher (Sérgio, 1957: 28-32).

Em síntese: quando em 1957 relembra o seu projecto pedagógico, António Sérgio remete exclusivamente para textos publicados entre 1914 e 1919. O que Sérgio tinha para dizer sobre o ensino e a educação disse-o nesta altura, realidade de que tem perfeita consciência aos 70 anos de idade, no momento em que olha retrospectivamente para a sua obra pedagógica.

De facto, quer em *O problema pedagógico* (1923) ou nas *Virtudes fundamentais da reforma da educação* (1923a), quer nos *Aspectos do problema pedagógico em Portugal* (1934) ou em *Sobre educação primária e infantil* (1939), quer ainda em vários textos dos *Ensaio*s e em numerosas publicações periódicas, António Sérgio limita-se no essencial a prolongar as ideias pedagógicas produzidas no quinquénio 1914-1919.

Diga-se aliás que é legítimo restringir esta periodização a um tempo ainda mais curto se, na esteira do próprio Sérgio (1916: 8), considerarmos que os alicerces do seu discurso pedagógico foram lançados na trilogia escrita entre 1914 e 1916: *Educação Cívica. Considerações histórico-pedagógicas. Educação profissional*. Ora as datas-limite desta trilogia encontram-se balizadas pela presença de Sérgio na Suíça: chegada a Genève (Abril de 1914) — saída de Genève (Julho de 1916). Se não vejamos:

- A *Educação cívica*, recolha de artigos publicados na revista *A Águia* de Junho a Novembro de 1914, já foi escrita em Genève, pois António Sérgio diz a Raul Proença em carta de 17 de Maio de 1914: “Vou ver se posso dar agora para a *Águia* uma série do artigos que possam continuar o *Pela pedagogia do trabalho*” (cf. González, 1987: 117);
- As *Considerações histórico-pedagógicas* foram redigidas em 1915, tendo acabado de ser impressas em 26 de Outubro deste ano;
- A *Educação profissional* ⁽¹⁴⁾ é composta por três cartas enviadas de Genève em 18 de Dezembro de 1915, em 15 de Janeiro de 1916 e em 26 de Julho de 1916.

É verdade que em textos anteriores à sua chegada a Genève, nomeadamente em artigos publicados em *A Águia* (por exemplo, o “Pela pedagogia do trabalho” de Março de 1914) e em *A Vida Portuguesa* (por exemplo, os “Golpes de malho em ferro frio” de Agosto de 1913), António Sérgio já havia aflorado a questão pedagógica. Ao afirmar a necessidade de “educar o português para o trabalho e para a justa vida social” (1913: 126) e de edificar “uma pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho” (1914a: 96), António Sérgio anunciava uma sensibilidade para as questões pedagógicas que iria desenvolver nos anos seguintes. Mas os contornos do seu ideário pedagógico não estão ainda delineados. Manifestamente, é entre 1914 e 1916 que António Sérgio define o seu *querer* em matéria pedagógica. E este *querer* é largamente influenciado pelas ideias em voga no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Confirma-se assim a importância que a estada em Genève teve na génese do pensamento pedagógico de António Sérgio. Importância que, em grande medida, tem passado despercebida. Sem dúvida, porque Sérgio assim o quis...

¹⁴ A *Educação profissional* é composta pelas três cartas escritas ao director da Academia de Estudos Livres, Sr. Cardoso Gonçalves.

As duas primeiras foram publicadas nos *Anais da Academia de Estudos Livres* (série 3ª, n.º 2, 1915-1916:175-190). Foram objecto de uma edição em separata com o título *Educação Geral e Actividade Particular*. A terceira foi publicada na brochura da “Renascença Portuguesa” com o título *Cartas sobre a educação profissional*.

Trabalho e Autonomia: Divisa Pedagógica de António Sérgio

Já sediado em Genève, António Sérgio propõe a Álvaro Pinto a criação pela “Renascença Portuguesa” de uma *Biblioteca de Educação*, oferecendo-se para seu director. Logo que a ideia é aceite, Sérgio exprime a intenção de que os volumes a publicar tenham no ante-rostro uma vinheta especial representativa das ideias fundamentais do seu plano: “Desejaria que essa vinheta contivesse as palavras *Trabalho e Autonomia*” (*Carta de A. Sérgio a Álvaro Pinto* — cf. Fernandes, 1972: 31).

Curiosamente, quando em 1928, agora na *Biblioteca do Educador*, também editada sob a sua direcção, António Sérgio prefacia a edição portuguesa do *Transformemos a escola*, do seu antigo mestre Adolphe Ferrière, é de novo esta divisa que regressa:

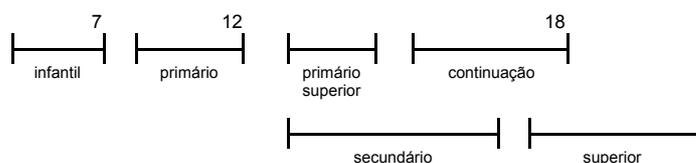
Dois grandes objectivos incumbem à escola do futuro: um deles, a anulação progressiva dos antagonismos sociais, e a instauração da sociedade justa, pela Escola Única do Trabalho; o outro, a realização da Liberdade na vida da gente adulta, pela educação das crianças no regime da Liberdade (Sérgio, 1928: 8).

A defesa de uma *escola do trabalho* está presente desde muito cedo no discurso pedagógico de António Sérgio; segundo diz trata-se, sobretudo, de assegurar “a união do ensino com a actividade produtora” (Sérgio, 1917b: 7).

Na perspectiva sergiana, a escola do trabalho não é apenas uma questão de método, mas também um conceito determinado da função educativa, pois como explica na revista *Pela Grei*: “[...] aquilo que tenho preconizado desde há anos com o nome de educação “profissional” é uma educação *geral*, não especializada, em que se toma como *meio*, como razão de ser da instrução, o exercício de uma actividade social: é uma educação *por* (e não *para*) actividades profissionais” (Sérgio, 1918a: 215). Por isso Sérgio (1925: 65) reage contra a acusação de que esta perspectiva estaria impregnada de um baixo utilitarismo: “[...] os que me chamam utilitário quando peço uma escola primária do Trabalho, e não uma escola primária do Alfabeto, e uma escola secundária do Trabalho (trabalho social, científico, etc.) em vez de uma escola

secundária de Absorção de Conhecimentos, mostram inserida no seu espírito uma noção antiquadíssima do trabalho e do trabalhador”.

A união do ensino e do trabalho prolongar-se-ia, segundo António Sérgio (1923: 33), graças à criação de *escolas de continuação*, definidas como instituições vocacionadas para fornecer “uma educação completa para uma função definida na sociedade”. António Sérgio resume a linha geral de uma organização nova do ensino público português no seguinte quadro:



António Sérgio comenta o gráfico dizendo que aos 12 anos deve haver uma bifurcação: “uns para o ensino primário *superior* e de *continuação*; outros para o *secundário* e *universitário*” (1918: 40). Verifica-se assim que este autor só muito parcialmente defende a ideia da *escola única*, contrariamente às correntes mais avançadas da pedagogia do princípio do século.

Em resumo: “o Trabalho como alicerce, como programa e como meio: o trabalho como instrumento de todo o progresso de consciência” (Sérgio, 1916: 35).

A outra face da divisa sergiana é a *autonomia*. O último parágrafo da *Educação cívica* começa assim: “Os remédios são, evidentemente, uma escola do trabalho e da autonomia, do labor profissional e da iniciativa — uma escola útil para a vida: é essa mesma que vos proponho” (1915b: 117).

Tal como o princípio da *escola do trabalho* também a ideia de *autonomia* aparece sob diversas facetas na obra de António Sérgio: desde a educação cívica pelo *self-government* até à introdução das preocupações e problemas sociais na vida escolar, desde a concepção da escola como um centro social até à formação de sociedades académicas (1917: 26-27).

Três ideias estão subjacentes à defesa da *autonomia*:

- 1ª - A autonomia e a educação cívica aprendem-se praticando, e não através de um qualquer ensino ou disciplina: “Em tal sentido poder-se-ia caracterizar o Município-Escola como o laboratório da aula de instrução cívica” (1915b: 49).
- 2ª - A acção em prol da autonomia deve “exercer-se não só no ambiente escolar, pelas actividades profissionais e pela instituição do *self-government*, como mostrei na *Educação cívica*, mas também na sociedade exterior” (1917c: 23).
- 3ª - Na escola, como na sociedade, “não pode a autonomia ser-nos apresentada pelos governantes; tem de ser conquistada pelos governados, pacientemente, todos os dias” (1917d: 62).

O ideário pedagógico de Sérgio no contexto genebrino de 1914-1916

Trabalho e autonomia: a divisa está em voga no Instituto Jean-Jacques Rousseau, durante a fase de gestação da Liga internacional Pró-Educação Nova que será oficialmente criada no Congresso de Calais de 1921. Os famosos “30 pontos”, programa mínimo de uma *escola nova tipo*, estão impregnados deste projecto “trabalhista” e “autonómico” (Ferrière, 1919: 3-7).

É provável que as três obras mais importantes de Adolphe Ferrière tenham sido, justamente, *L'autonomie des écoliers* (1921), *L'école active* (1921) e *L'activité spontanée chez l'enfant* (1922); uma simples transcrição dos títulos de alguns trabalhos publicados pelo “apóstolo da educação nova” entre 1912 e 1915 é bem elucidativa das preocupações dominantes na pedagogia genebrina: *L'éducation par la responsabilité*, *L'éducation par la liberté*, *Biogenetik und Arbeitsschule*, *Le self-government*, *Le travail productif à l'école*, *Les fondements psychologiques de l'école du travail*, *L'éducation civique et la culture nationale suisse à l'école primaire* (cf. Meyhoffer e Gunning, 1929: 18-19).

Na redacção da sua trilogia, sobretudo da *Educação cívica* (1915b) e da *Educação profissional* (1916), António Sérgio vai ser fortemente influenciado por um conjunto de teses pedagógicas inovadoras que encontram no Instituto Jean-Jacques Rousseau uma verdadeira placa giratória. Mais do que a presença de Adolphe Ferrière, são as obras de Georg Kerschensteiner que vão marcar decisivamente o discurso sergiano.

Através de uma pesquisa na biblioteca pessoal de António Sérgio foi possível determinar que ele adquiriu na Librairie Eggimann de Genève, muito actualizada em temas pedagógicos, alguns livros que eram dados como referência pelos docentes do Instituto Jean-Jacques Rousseau a que se revelaram de grande utilidade para a redacção da trilogia. Para além do livro de William R. George, *The Junior Republic* (abundantemente citado na *Educação cívica*), é fundamental assinalar a leitura aturada da edição inglesa de uma obra charneira de Georg Kerschensteiner, *Education for Citizenship*, na qual Sérgio se inspirou para escrever a sua *Educação cívica* (estranhamente esta obra de Kerschensteiner não é citada na *Educação cívica*).

António Sérgio trabalhou com algum cuidado uma outra obra deste autor, *Der Begriff der Staatsbürgerlichen Erziehung*; mas foi com base numa colectânea organizada por Irving King, *Social Aspects of Education*— incluindo nomeadamente o texto da G. Kerschensteiner sobre “The Fundamental Principles of Continuation Schools” — que Sérgio empreendeu a escrita da *Educação Profissional*. As temáticas da “Arbeitschule” (escola da trabalho) e das “Fortbildungsschulen” (escolas de continuação), na perspectiva em que Sérgio as desenvolveu, estão presentes ao longo de toda esta obra aconselhada aos alunos do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Na biblioteca pessoal de António Sérgio encontram-se ainda vários outros livros (quase todos sublinhados e com bastantes anotações) adquiridos durante a estada em Genève: algumas obras de John Dewey e de Maria Montessori merecem uma referência especial.

As influências sofridas por Sérgio no plano educativo são bastante diversificadas (cf. por exemplo: Montezuma de Carvalho, 1979: 267-395; Rogério Fernandes, 1979: 43-110; Vasco Pulido Valente, 1969). No entanto, no retrato da “família pedagógica” de António Sérgio encontra-se em lugar de destaque o alemão Georg Kerschensteiner, ladeado pelo americano, John Dewey e pelo suíço Adolphe Ferrière. Uma menção é também devida à italiana Maria Montessori, cujos métodos impressionaram fortemente António Sérgio (1915: 13), apesar do seu desacordo com os pressupostos ideológicos e filosóficos desta autora: “mas como as incertezas da doutrina não desdoiram os

resultados — excelentes — da sua prática, fica-nos sem dúvida o direito de nos valermos dos seus processos, inferindo deles uma interpretação teórica mais coerente e justa que a da própria autora”.

Fica assim estabelecida a *genealogia pedagógica* de António Sérgio. Contrariamente a outros pedagogos portugueses da 1ª metade do século XX, como por exemplo um Adolfo Lima ou um Faria de Vasconcelos, António Sérgio não foi um produtor de ideias pedagógicas inovadoras. O seu desejo de se dedicar à actividade docente, só muito parcialmente concretizado, também não lhe permitiu ser um experimentador de novos processos educativos e de práticas escolares diferenciadas. No plano pedagógico, António Sérgio foi sobretudo um excelente divulgador, um pensador capaz de inserir a “questão educativa” num âmbito social mais vasto e de perspectivar a “organização do ensino” no quadro de uma revolução cultural-social. Se bem o entendemos, afirma Joel Serrão (1969: 245), a criação de um projecto pessoal de pedagogo *strictu senso*, nem era viável nem pertinente: “era necessário, sim, divulgar alheias experiências tal o *self-government* dos Britânicos, etc., ensinar a ensinar, pois uma pedagogia actualizada era uma das condições necessárias mas não suficiente para a promoção do povo”.

É evidente que o pensamento pedagógico de António Sérgio não se esgota na *trilogia fundadora* atrás evocada. A muitos títulos são mesmo os desenvolvimentos estratégicos destas ideias da base que dão força aos seus escritos pedagógicos e que tornam particularmente significativa a sua intervenção no mundo da educação e do ensino. Evoquem-se de maneira breve cinco eixos destes desenvolvimentos estratégicos:

- 1º - A crítica sistemática à superstição do alfabeto — “Ler é ou deve ser, um instrumento de trabalho: por si só nada vale, e pode ser calamitoso” (1915a: 53-54) — e a desmistificação dos conteúdos académicos — “O ensino das escolas só será educativo quando os mestres considerarem a Física, a Química, a Matemática, a História, as Ciências Naturais, etc., como simples pretextos, ou instrumentos” (1939: 23).
- 2º - A acção em prol de uma reforma da instrução, que António Sérgio sempre separou da publicação de um texto no *Diário do Governo* (1958: 21-23) ou

da construção de edifícios escolares (1926: 5), antes insistindo na preparação, em escolas estrangeiras *da nova pedagogia*, de professores de mentalidade e de técnicas novas: “Importa que se faça o cadastro dos antigos alunos das Escolas Normais que receberam o fogo sagrado. São esses que deverão ir para o estrangeiro (Instituto Rousseau, Decroly, Montessori, etc.)” (Carta de 8 de Novembro de 1927 para Álvaro Viana Lemos).

3º - A defesa da descentralização, assente em grande medida na responsabilização das corporações profissionais (1917d: 60-63): “Em princípio e bom direito não devia haver ensino do Estado: o ensino oficial é injusto, anti-liberal, soporífero, e uma tentação à tirania; mas havendo-o [convem] que fosse dirigido por um Conselho de Instrução Pública eleito pelos professores” (1916: 37).

4º - A difusão de métodos activos de ensino (1924: 1-4), motivo que o levou, por exemplo, a promover a edição do *Curso sistemático de lições de coisas*, de Vincent Murché, aspera e injustamente criticada em *A Federação Escolar* de 3 de Novembro de 1926: “Os pedagogistas portugueses ao cometerem-lhes o encargo de reformar ou impulsionar o ensino vêm logo com a panaceia do nosso *aperfeiçoamento* e a história da *escola modelo*. [...] Põem à disposição do Sr. Dr. António Sérgio uns milhares de escudos e este [...] faz editar um livro sobre “lições de coisas” (e um outro sobre coisas que pessoalmente lhe interessam) e oferece-no-lo à venda, para *nosso aperfeiçoamento*, pela quantia de 5\$00 e por intermédio da nossa União”.

5º - Finalmente, a consciência de que a inovação pedagógica é um processo em constante movimento, que tem de ser praticado todos os dias. Em 1929, António Sérgio utiliza a metáfora do *sportman*¹⁵: “Pour être un sportman, il faut la patience de s’entraîner tous les jours; si l’on n’a pas le travail de s’entraîner tous les jours, on n’est plus “en forme”; on perd de sa force; on devient incapable de gagner l’épreuve” (1929: 2).

A intervenção estratégica de António Sérgio no universo educativo português é extremamente importante e benéfica. Protagonista de um movimento de renovação que veio simbolicamente encerrar o *ciclo da*

¹⁵ Durante o ano de 1929, António Sérgio de Sousa, “ancien ministre de l’instruction publique du Portugal”, assina uma série de artigos no jornal *La Volontaire* (Paris), dirigido por Marc Sangnier. Registe-se o título de alguns destes artigos: “La jeunesse portugaise et la paix” (27 de Janeiro); “L’éducation pour la paix” (24 de Março); “La paix et l’enseignement de l’histoire” (12 de Maio e 23 de Junho); “Le sport do Volontaire” (24 de Novembro).

instrução, pondo fim a um discurso de crença quase ilimitada nas potencialidades de uma educação escolar, A. Sérgio constitui um marco de referência na história das ideias pedagógicas. Mas torna-se evidente que a obra sergiana não se distinguiu pela originalidade. Em grande medida, Sérgio limitou-se a transportar para a cultura portuguesa um conjunto de teses e de ideias que atravessavam os centros de produção pedagógica da época.

No entanto, A. Sérgio pôs ao serviço destas ideias a sua bagagem histórica e filosófica, bem como uma compreensão acutilante da realidade portuguesa. O que distingue A. Sérgio de muitos outros pedagogistas do princípio do século é a sua capacidade de ler os problemas educativos numa dimensão que não se esgota no nível do ensino. É esta capacidade que confere ao pensamento de A. Sérgio uma *outra* envergadura, tornando-o respeitado nos meios que frequenta: assim aconteceu em Genève, assim acontecerá quando a Liga Internacional Pró-Educação Nova precisa de uma figura de proa para liderar a secção portuguesa.

Forçando um pouco a demonstração, quase poderíamos dizer que não há nada na obra pedagógica de António Sérgio que primeiro não tenha estado em Kerschensteiner, em Dewey ou em Ferrière. A pedagogia sergiana não se projecta essencialmente nos escritos sobre a educação ou sobre os métodos de ensino, mas sim na dimensão social de que era portadora.

É neste âmbito que António Sérgio conquistou um lugar muito especial.

*
* *

No prefácio à edição de 1984 da *Educação cívica*, Vitorino Magalhães Godinho (1984: 4) sublinha a actualidade das concepções educativas e pedagógicas de António Sérgio, que pensa a escola como uma cidade definida pela cidadania e pelo trabalho. Grande parte do ideário pedagógico sergiano está ainda por realizar: a nossa escola continua a ser do alfabeto e não do trabalho; o nosso ensino continua impregnado de heteronomia e não de autonomia. Pior ainda: deixou de se saber querer outra coisa. A Reforma do Sistema Educativo contenta-se em melhorar o que já existe, como se não fosse

possível existir uma escola radicalmente nova. O pensamento pedagógico deste fim de século parece encerrado no interior das configurações organizacionais e institucionais em vigor. Perdemos a força de um pensamento de ruptura. Sentimo-nos incapazes da radicalidade que esteve presente na génese da *educação nova*.

A leitura de António Sérgio confronta-nos com esta pobreza do imaginário, com esta falta de ambições, com esta impossibilidade de propor soluções inovadoras. Ele soube querer. E soube querer outra coisa. Este homem não era de meias palavras, nem de meias medidas. A vitalidade do seu pensamento impôs-se pela profundidade das reformas que advogou. Ele quis nem mais nem menos do que uma escola totalmente diferente:

A escola secundária foi criada na época da superstição pela Antiguidade; reformaram-na no século XIX na época da superstição pela Ciência; pois reformemo-la finalmente, não para o culto da Antiguidade, não para o culto da Ciência, — mas para valorização da vida humana. (1917b: 11)

Chegamos ao fim desta reflexão mesclada da vida e da obra de António Sérgio, aliás, tão pouco ao seu jeito. Não lhe fizemos o insulto do panegírico. É um género que não convém aos homens desta estatura. Muito menos a António Sérgio.

Referências Bibliográficas

- Bovet, Pierre (1917), «Rapport succinct sur l'activité de l'Institut Jean-Jacques Rousseau», *Archives de Psychologie*, XVI, Separata. Genève, Kundig.
- Bovet, Pierre (1932), *Vingt Ans de Vie — L'Institut Jean-Jacques Rousseau de 1912 à 1932*. Neuchâtel & Paris, Delachaux & Niestlé.
- Branco, J. Oliveira (1986), *O Humanismo Crítico de António Sérgio*. Coimbra, Gráfica de Coimbra.
- Cardia, Mário Sottomayor (1982), «O pensamento filosófico do jovem Sérgio», *Cultura — História e Filosofia*, vol. I, 411-467.
- Carvalho, J. de Montezuma de (1979), *António Sérgio — A obra e o homem*. Lisboa, Arcádia.
- “Chronique de l'Institut”, *L'Intermédiaire des Educateurs*, Out.-Dez. 1915, 31/33: 28-30; Out.-Dez. 1918, 61/63: 22-23; Jan.-Abr. 1919, 64/67: 50-52.
- Claparède, Edouard (1912), «Un Institut des Sciences de l'Education et les besoins auxquels il répond», *Archives de Psychologie*, XII, Separata. Genève, Kundig.
- Claparède, Edouard (1912), «Epistolário da Biblioteca Municipal de Coimbra — De António Sérgio a Manuel da Silva Gaio (1911-1933)», *Arquivo Coimbrão — Boletim da Biblioteca Municipal de Coimbra*, vol. XXV, 1970: 331-376.
- Fernandes, Rogério (1972), *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*. Lisboa, Edição da Revista *Ocidente*.
- Fernandes, Rogério (1978), «Duas cartas inéditas de António Sérgio para Afonso Lopes Vieira». *Colóquio-Letras*, 46: 57-65.
- Fernandes, Rogério (1979), *A pedagogia portuguesa contemporânea*. Lisboa, Biblioteca Breve/Instituto de Cultura Portuguesa.
- Ferreira, José (1969), «Nota pessoal sobre António Sérgio, extraída de um diário Gomes íntimo», *O Tempo e o Modo*, 69-70: 238-239.

- Ferrière, Adolphe (1919), *L'École Nouvelle et le Bureau International des Ecoles Nouvelles*. Les Pléiades sur Blonay: chez l'auteur, 3ª edição.
- Ferrière, Adolphe (1928), *Transformemos a Escola*. Paris, Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy.
- Franco, Matilde Sousa (1983), «Da juventude de António Sérgio: algumas cartas inéditas», *Revista de História das Ideias*, vol. 5. tomo II, 785-937.
- Godinho, Vitorino Magalhães (1984), Prefácio à *Educação Cívica* de António Sérgio. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 3ª edição.
- Grácio, Rui (1968), *Educação e Educadores*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Hameline, Daniel; Gerber, Remy, *Le Livre d'Or des Élèves de l'Institut Rousseau* (no prelo).
- Kerschensteiner, Georg (1912), *Education for Citizenship*. London, George G. Harrap & Company.
- Kerschensteiner, Georg (1914), *Der Begriff der Staatsbürgerlichen Erziehung*. Leipzig-Berlin, B.G. Teubner.
- King, Irving (1912), *Social Aspects of Education*. New York, MacMillan Company.
- Lavachery, J. (1935), "L'Institut des Sciences de l'Éducation de Genève (Institut Jean-Jacques Rousseau)", *Revue de Pédagogie*, 9: 18-21.
- Lourenço, Eduardo (1969), «Sérgio como mito cultural», *O Tempo e o Modo*, 69-70: 250-260.
- Matos, A. Campos (1983), «Bibliografia de António Sérgio», *Revista de História das Ideias*, vol. 5, tomo 11: 1025-1107.
- Medina, João (1988), «Sérgio e Sidónio» *Estudos sobre António Sérgio*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica: 7-49.

Meyhoffer, Paul e (1929), *Adolphe Ferrière — Notices biographique et bibliographique*. Gunning, W. Genève, s.e.

Murché, Vincent (1926), *Curso sistemático de lições de coisas*. Lisboa, Liga Portuguesa da Instrução Popular em Portugal.

Nóvoa, António (1986), «O projecto de Reforma Camoesas (1923): uma referência histórica no pensamento do Prof. João Evangelista Loureiro», *Revista da Universidade de Aveiro* (Série Ciências da Educação), vol. 7, 1-2: 113-121.

Nóvoa, António (1988), «O método (auto)biográfico na encruzilhada dos caminhos (e descaminhos) da formação dos adultos», *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2): 7-20.

Sérgio, António (1913), «Golpes de malho em ferro frio», *A Vida Portuguesa*, 16, 2 de Agosto de 1913: 121-128.

Sérgio, António (1914), *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1914a), «Pela pedagogia do trabalho», *A Águia*, 27: 95-96.

Sérgio, António (1915), Prefácio ao *Método Montessori* de Luísa Sérgio Porto, Renascença Portuguesa: 9-15.

Sérgio, António (1915a), *Considerações histórico-pedagógicas*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1915b), *Educação cívica*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1915/1916), «Cartas ao director da Academia de Estudos Livres, Sr. Cardoso Gonçalves», *Anais da Academia de Estudos Livres*, Série 3ª, 2: 175-190. Publicado em separata com o título *Educação Geral e Actividade Particular* (Lisboa, Imprensa Comercial).

Sérgio, António (1916), *Canas sobre a educação profissional*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1916a), "Droite et Gauche", *L'Intermédiaire des Educateurs*, 34-35, Jan.-Mar.: 54-55.

Sérgio, António (1916b), «Recherches sur l'imagination», *L'Intermédiaire des Educateurs*, 39-40, Jun.-Jul. 1916: 83-88.

Sérgio, António (1917), *A função social dos estudantes* Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1917a), *Noções de zoologia*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1917b), Prefácio a *Indústria e Ciência* de H. Le Châtelier. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1917c), «Carta ao director do *Agros* sobre a função social dos estudantes», *Agros*, 1, Janeiro de 1917: 18-24.

Sérgio, António (1917d), «Os métodos do regionalismo», *Agros*, 2-3, Março de 1917: 60-63.

Sérgio, António (1918), *O Ensino como factor do Ressurgimento Nacional*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1918a), «A escola portuguesa, órgão parasitário; necessidade da sua reforma sob a idea directriz do trabalho produtivo», *Pela Grei*: vol. I, série 1,3, Julho 1918:169-178; vol. I, série 2,4, Outubro 1918: 210-222.

Sérgio, António (1919), (em colaboração com Luísa Sérgio) *Contribuição para o estabelecimento de uma escala de pontos dos níveis mentais das crianças portuguesas*. Porto, Renascença Portuguesa.

Sérgio, António (1923), *O problema pedagógico* (União Cívica — Conferências de Propaganda, 4 de Março de 1923). Porto, Imprensa do Norte, Limitada: 27-34.

Sérgio, António (1923a), *Virtudes Fundamentais da Reforma da Educação*. (Conferência na Sociedade de Geografia, 25 e Julho de 1923). s.1., se.

Sérgio, António (1924), «Notas sobre o ensino das ciências naturais na escola primária», *Educação Nova*, E, Novembro-Dezembro 1924: 1-4.

Sérgio, António (1925), «A escola primária dos novos tempos», *Escola Nova*, Ano II, 5, 10 de Agosto de 1925: 65-66.

Sérgio, António (1926), «Aos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra», *Os Novos*, Ano I,3, 1ª série, 12 de Março de 1926: 5.

Sérgio, António (1928), Prefácio a *Transformemos a Escola* de Adolphe Ferrière. Paris, Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy.

Sérgio, António (1929), Série de artigos publicados in *Le Volontaire — La Paix par la Jeunesse*: «La jeunesse portugaise et la paix» (2, 27 de Janeiro); «L'éducation pour la paix» (6, 24 de Março); «La paix et l'enseignement de l'histoire» (9, 12 de Maio; 12, 23 de Junho); «Le Sport du Volontaire» (22, 24 de Novembro).

Sérgio, António (1934), *Aspectos do problema pedagógico em Portugal*. Lisboa, Sociedade de Estudos Pedagógicos.

Sérgio, António (1938), «Genealogia intelectual», *Seara Nova*, 580, 24 de Setembro de 1938: 357-376.

Sérgio, António (1939), *Sobre educação primária e infantil*. Lisboa, Editorial "Inquérito", Lda.

Sérgio, António (1940), Entrevista a *O Diabo*, 174, 27 de Janeiro de 1940.

Sérgio, António (1950), *Notas de esclarecimento*. Porto, Empresa Industrial Gráfica do Porto. (Separata da revista *Portucale* 25-27, Jan.-Jun. 1950, 28-30, Jul-Dez. 1950).

Sérgio, António (1957), *Cartas do Terceiro Homem — Porta-voz das "pedras vivas" do "país real" (Terceira série)*. Lisboa, Editorial Inquérito Limitada.

Sérgio, António (1958), *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações — Jornada Primeira*. Lisboa, Editorial Inquérito Limitada.

Sérgio, António (1974), *Ensaio VII*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora (1ª edição: 1954).

Sérgio, António (1977), *Ensaio II*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 2ª edição (1ª edição: 1929).

Sérgio, António (1980), *Ensaio I*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 3ª edição (1ª edição: 1920).

Serrão, Joel (1969), «António Sérgio, o Educador», *O Tempo e o Modo*, 69-70, Março-Abril 1969: 242-249.

Serrão, Joel (1975), *Portugueses Somos*. Lisboa, Livros Horizonte: 75-119.

Silveira, António da (1976), «Recordando António Sérgio com forçados excertos autobiográficos e diversos comentários inactuais», in *Homenagem a António Sérgio*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 13-37.

Valente, Vasco (1969), *António Sérgio de Sousa: uma revolução interior*. Separata da Pulido revista *O Tempo e o Modo*, 69-70, Março-Abril 1969.

Vilhena, Vasco de Magalhães (1975), *O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*. Lisboa, Edições Cosmos.

Vilhena, Vasco de Magalhães (1976), «Em torno da génese do idealismo filosófico de António Sérgio», in *Homenagem a António Sérgio*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 123-145.

- Foram ainda consultados o *Dicionário Biográfico Universal de Autores* (SÉRGIO, António 3215-3222) e a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (passim).
- Entrevista radiofónica concedida por António Sérgio a Igrejas Caeiro, em 29 de Julho de 1958.

Disco falado / Entrevista 4: Sasseti & Comp. Lda.

Arquivos

Arquivos do Instituto Jean-Jacques Rousseau

- *Livre d'Or des élèves 1912-1938*, 1º vol. 1912-1921 (FG 1.1).
- *Cahier des délibérations de la société des professeurs et élèves de l'Institut (Procès-verbaux de l'Amicale)*, 1915-1918 (FG 1.4).
- *Divers* (FG 1.10).

(Este Fundo Geral foi catalogado provisoriamente por R. Gerber de FG 1.1 a FG 1.10).

Bibliothèque Publique et Universitaire / Genève

- Carta de António Sérgio a Edouard Claparède, 20 de Agosto de 1925: Ms. Fr. 4007.

Casa António Sérgio

- Documentos vários do espólio de António Sérgio, ainda não catalogados.
- Biblioteca pessoal de António Sérgio.

Arquivos Pessoais

- Cartas várias do Espólio de Faria de Vasconcelos, guardado pela família.
- Cartas várias do Espólio de Álvaro Viana Lemos, guardado no Movimento da Escola Moderna.

Antonio S. de Sousa

signature: Antonio Sergio de Sousa

date de naissance 3 Septembre 1883

lieu d'origine et de résidence. Né à Lamões
(aux Indes Portugaises). Je suis venu,
celle fois, de Lisbonne.

- Adresse (bureau de mon beau-père)

Rua do Comercio, 31-2.º Lisbonne

nationalité: portugaise

religion: aréligieux

titres et diplômes: J'ai été officier de marine jusqu'à
Juin 1915. J'ai demandé ma démission.

professions des parents: Père officier de marine; se consacra
à l'administration coloniale; il était aussi fils d'un officier
de marine.

Faire un curriculum vitae ad libitum en portant
son attention surtout sur les expériences pédagogiques.

J'aurais ce qui peut être un document pour le pédagogue. J'aurais trouvé ce
livre très intéressant si mes prédécesseurs avaient fait de même.

Hérédité. Père. M. de abris-secours en 1905. Homme très sain, de très bon sens, très équi-
libré, sérieux et bonne humeur extraordinaires. ~~Très bon en ce qui concerne~~
Très rigoureux et prévoyant dans les choses publiques, peu prévoyant dans les choses
privées. Malade, très nerveux, toujours plaintif et remuant. Son père était
un militaire et propriétaire de tempérament rude et violent; son grand-père a
officié

meurt d'être appelé "le dernier conquistador de l'Inde". Elle n'est pas consanguine, mais a hérité quelque chose de l'élan de son grand père. L'enfant gâté de sa famille. Sans la famille de mon père, on trouve un très solide bon sens, mais pas d'aptitudes artistiques; dans celle de ma mère, au contraire, on trouve de ces aptitudes et quelquefois assez de déséquilibre.

Éducation. J'ai passé mon enfance (de trois jusqu'à près de dix ans) en Afrique occidentale, où mon père était gouverneur du Congo Portugais. Maladies graves du pays. Pas d'autres enfants avec qui jouer; pas d'éducation systématique; pas d'éducation religieuse (ma mère est catholique et mon père n'était pas un "libre penseur", mais il trouvait qu'il était là des choses que je connaîtrais plus tard); de sorte, respect absolu pour les croyances religieuses, que je voyais sous des formes curieuses et bizarres chez les indigènes. Traité sous un régime très libre, je crois que je n'ai été jamais grondé; jamais battu. Mon père me traitait presque comme un frère; j'étais son compagnon; son entourage l'imitait en cela et me traitait comme un petit homme. Et n'était pas là de la part de mon père une méthode consciente, un système, une intentionnelle intention. La liberté a été très bonne, mais le manque de densité en un deux inconvénients: 1° nous pas de traitement et d'éducation physique pour réparer les ravages du climat très insalubre du Congo; 2°, plus tard, à l'âge des grandes transformations intellectuelles et sentimentales (18-21 ans) il ne m'a pas bien compris, et je n'ai pas eu en lui le compagnon idéal qu'il aurait pu être. J'ai appris à lire dans un atlas de géographie française, en faisant des questions à mon père sur les pays, les capitales, etc.; les noms ne gravant peu à peu globalement dans ma mémoire. Jusqu'à 10 ans, toute ma croissance intellectuelle s'est faite au hasard de la causais. Mon tuteur; on me laissait parler avec pleine liberté. Lorsque j'auton au Portugal (18 ans) les gens qui ne connaissaient pas la façon de mon père m'émerveillaient beaucoup lorsque je faisais des questions enfantines; je les trouvais ridicules. Je sentais et je sens qu'on est souvent trop enfantin avec les enfants. La société exclusive de colons et d'officiers de marine, les traditions familiales, les voyages fréquents, gravèrent dans mon esprit l'idée de devenir officier de marine. Jus qu'à l'âge 10 ans, on m'a vu 10, je n'ai donc eu une école. En arrivant alors au Portugal, je pus me préparer rapidement pour l'examen d'instruction primaire, afin d'entrer au Collège Militaire. Après de très rapides tâtonnements, j'ai été des premiers dans la classe, ce qui prouve que peu temps d'école n'avaient pas été un avantage pour mes camarades. Je n'effleurais même pas les problèmes épistémologiques que le cas suggère. Je trouvais j'ai bien travaillé, mais trouvais mon travail très ennuyeux, surtout la grammaire (un manège de définitions très abstraites et de logiques subtilités), l'histoire (chapelets de "faits notables" de chaque règne, sans rapport entre eux ou avec quoi que ce soit) et la chorographie du Portugal (kyrieelle de villes et villages baignés par chaque fleuve, d'amont en aval). Je m'étonnais d'être obligé de savoir par cœur des choses que des adultes très instruits (c'est à dire, que je voyais être considérés comme tels) ne savaient pas: je m'en apercevais dans les causais, de mon père et de ses amis. En le jugeant avec du sens historique, pour ainsi dire, en dehors des anciennes méthodes éducatives, je dois dire du bien de l'éducation scientifique que j'ai reçue au Collège Militaire (instruction secondaire), et surtout de mes professeurs de mathématique qui et de physique. J'aimais beaucoup la mathématique, trouvais très beaux les enchaînements de théorèmes, et rêvais d'une mathématique universelle. Je m'amusais à donner la forme de l'enchaînement géométrique à tout ce que je connaissais, et plus tard (18 ans) fus ravi lorsque je fusilletais pour la première fois l'Éthique de Spinoza (Lorsque j'étais déjà à l'École Navale, mon professeur de droit maritime raila beaucoup cette manière, qu'il trouvait dans les expositions de mes très minces connaissances du sujet de son cours, et dont il reste surtout la haine de verbiage). Je lisais dans les vacances des livres de marine dans la bibliothèque de mon père. Au Collège je fus un inquiet, pas du tout un révolté, mais un joueur, un railleur très vif qui ne prenait pas au sérieux la discipline militaire, ni qui que ce soit si ce n'étaient les professeurs où je reconnaissais une grande solide capacité scientifique. Je fis une année de Polytechnique, et entras à l'École Navale. Les années d'École Navale (18 à 21 ans) ont été mon époque - très passionnée - de Strom und Drang. Au

(La suite deux pages avant celle-ci).

Continué de la deuxième page après celle-ci.

goût de la mathématique succède celui de la philosophie, de la littérature, de l'art. A ce changement correspond celui d'attitude envers ma profession, surtout envers les longs séjours stagnants dans les ports d'Afrique. Je lis alors (19-26 ans) sans méthode, Descartes, Pascal, Leibniz, Berkeley, Kant, Schopenhauer, Comte, Taine, Stuart Mill, Spence, Guyan, Fouillée; les classiques français (Montaigne, Pascal, Corneille, Racine, Bossuet, Molière, Rousseau, Buffon, Montesquieu) les poètes modernes de la France Hugo, Lamartine, Musset, leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Hérédia; Corneille et les tragiques espagnols, ainsi que le poète moderne Zola; des anglais surtout Shelley; quel-ques italiens, et, très entendus, des portugais. Je penchai vers le volontarisme, que je trouvai principalement dans Schopenhauer, et après dans Fouillée, Wundt et Hoffding. Le cours de l'école Navale fini, je fis un grand tour en Orient (à peu près une année et demie, en allant par Suéde et venant par le Cap de Bonne Espérance), en court séjour en Angleterre, et aux îles du Cap Vert. Un ami publia un volume de mes poésies qu'il avait choisies et un essai sur notre grand poète-philosophe Arthur de Quental, une de mes plus grandes admirations littéraires, mais je me tins toujours isolé et toujours à l'écart des littérateurs et des journalistes, gens dont le tempérament, la vanité, et l'attitude artiste envers la vie morale et sociale, et l'absence de l'éthique, me sont souvent très antipathiques. En après mon mariage, la République ayant été proclamée après une propagande dont le caractère exclusivement négatif je n'approuvais pas, je demandai un congé, pensai à donner des leçons, pris la direction d'un magazine et entrai dans le travail d'une grande compagnie d'édition de gros ouvrages, avec laquelle j'ai travaillé à Lisbonne, à Londres, au Brésil, et continue d'être en rapport. Les événements politiques et sociaux de mon pays éveillaient en moi l'intérêt pour les questions sociales et historiques; mes réflexions m'ont conduit à mépriser les solutions de la politique des partis ou clientèles (à laquelle, du reste, je ne me suis jamais intéressé, et dont les procédés m'indiquent) et à reconnaître la valeur des facteurs éducatifs (dans la famille, dans la communauté de travail, dans l'école). J'ai senti ~~à~~ une grande sympathie pour le peuple portugais, si plein de bonnes qualités, si trompé et malmené par les politiciens de profession et si délaissé par les classes dites "dirigeantes". C'est alors qu'ayant lu dans le Revue de sociologie et de morale la nouvelle de la fondation d'un centre de recherches sociologiques sous le nom d'Institut Jean Jacques Rousseau, je fis le projet d'y venir lorsque mes travaux me permettraient d'abandonner des centres de nos affaires. Je crois avoir gagné dans ces travaux (où je suis en contact avec des anglo-saxons) un sens assez exact des réalités sociales et des besoins sociaux, que je trouve manqués surtout souvent chez les professeurs de la jeunesse, même quand ils sont d'excellents maîtres, entraîneurs et psychologues, à mon sens, ils n'ont pas assez vu au travail ~~les~~ ^{concernants} le monde des mines, des bureaux, des banquiers, des industriels, des ~~commerçants~~, des travailleurs. Ce sont là des aspects de une dure la "vie" moderne où il est bon de se placer lorsqu'on demande (comme on le répète aujourd'hui, et d'ailleurs très justement) une éducation "pour la vie". C'est celle que je souhaiterai pour le peuple portugais, après m'avoir demandé quelles en seraient pour lui les conditions spéciales, que j'ai cherchées dans une analyse économique - sociale de l'histoire de mon pays.

António Sérgio de Sousa

J'ai résumé les conclusions dans des articles de revue et dans une petite brochure.